

## IMAGENS DE MULHERES NEGRAS SURFISTAS NO ENSINO DE ARTE: ATIVIDADE CRIADORA E EDUCAÇÃO NO COMBATE À INVISIBILIDADE

*IMAGES OF BLACK FEMALE SURFERS IN ART TEACHING: CREATIVE ACTIVITY AND EDUCACION AGAINST INVISIBILITY*

**Ana Maria Alves de Souza**

---

### RESUMO

Este artigo traz reflexões a respeito de uma prática pedagógica em Artes Visuais, que procurou desenvolver o desenho de mulheres negras surfistas em escolas localizadas em uma ilha. Trabalhando em sala de aula com a atividade criadora vigotskyana associada à promoção de uma educação antirracista, unimos arte e esportes visando cumprir a Matriz Curricular do Município de Florianópolis para a Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Básica. Buscando na História da Arte, na Antropologia e na Educação tal iconografia, nos deparamos com a quase inexistência destas imagens, com exceções daquelas poucas que combatem a invisibilidade. Tendo como base a máxima duchampiana de que a arte é aquilo que eu nomeio como tal, concluímos que a Estética está intimamente relacionada à Política e à forma como olhamos o mundo.

### PALAVRAS-CHAVE:

Mulheres Negras Surfistas; Ensino de Arte; Educação Antirracista

### ABSTRACT

*This paper reflects on a pedagogical experience in the Visual Arts, which aimed to develop the drawing skills of black female surfers in schools located on an island. Working with vygotskian creative activity to promote antiracist education, we link sports and the arts, aiming to comply with the City of Florianópolis's Curriculum Matrix for Education of Ethnic-Racial Relations at Elementary Level. Searching for this iconography through Art History, Anthropology and Education, we were met with the near nonexistence of such images, with a few exceptions which combat invisibility. Based on the duchampian motto that art is whatever I call art, we conclude that Aesthetics are intimately related to Politics, and the way we see the world.*

### KEYWORDS

*Black female surfers; Art Teaching; Antiracist Education .*

### Introdução

Vivendo em Florianópolis, uma ilha cercada de mar, a imagem de um surfista é algo comum no cotidiano da cidade contemporânea, nas práticas sociais do esporte. Busquei informações sobre a participação das mulheres nesse esporte predominantemente exercido por homens através de uma pesquisa antropológica feita por Souza (2003) em praias da Ilha. Como professora de Artes Visuais em duas escolas municipais de ensino fundamental, costumo abordar em sala de aula: o questionamento da imagem da mulher surfista, a estética e os valores envolvidos na prática desse esporte, a moda e a indústria de consumo que ditam comportamentos nos territórios delimitados no espaço do mar (SOUZA, 2006). Questiono, sobretudo, nos dias de hoje, a quase ausência de mulheres surfistas negras nas imagens de revistas e filmes sobre o esporte, ou até mesmo na História da Arte moderna e contemporânea.

### **Um pouco sobre arte e esportes**

Procurando referências na História da Arte para falarmos do entrelaçamento entre arte e esportes, poderíamos nos remeter a estatuária e cerâmica da Grécia Antiga. Lessa (2017), no livro “Atletas da Grécia Antiga: da competição à excelência”, ao analisar imagens de atletas na literatura e na cultura material, considera que “existe um universo significativo de imagens nas quais o pintor escolheu o momento da premiação do atleta para eternizar a vitória” (LESSA, 2017, p.40). O autor faz uma leitura de dois vasos áticos com este tema: uma *hydria* datada de 525-474 a.C., que consistia num vaso para transportar água, representando a corrida e um lançamento de disco; e uma *kýlix*, uma taça para beber vinho, datada de aproximadamente 560 a.C., apresentando uma cena de premiação do atleta. Ambas as cerâmicas são do estilo chamado de “figuras vermelhas”.

Lessa menciona que a literatura grega produzida naquela época tinha relação similar com a arte dos pintores e artesãos áticos, que também faziam suas representações em torno do atleta vencedor, uma vez que ambos, escritores e pintores antigos, estão imersos num mesmo contexto de produção sócio-histórica. Estas cerâmicas contêm informações acerca da vida cotidiana, ainda que não estejam imunes à representação de uma vida idealizada, que aparece através da legitimação do viver grego (*koinonía*). Não é de nosso interesse estender esta análise, principalmente por serem representações de atletas homens e, geralmente brancos, apenas ressaltamos este caso como uma das práticas artísticas dos primórdios da civilização ocidental unida aos esportes.

Dando um salto histórico rumo à arte brasileira já na modernidade, não podemos nos esquecer de mencionar a série de jogos e brincadeiras pintadas por

Cândido Portinari. Sabemos que o esporte, enquanto corpo em movimento, passa por instâncias lúdicas durante a infância, ao menos culturalmente, motivo que inspirou Portinari a retratar os meninos e meninas de Brodowski (SP), sua terra natal. Vemos a seguir uma dessas pinturas, mostrando uma cena de um “Grupo de Meninas”, com corpos em movimento, onde a brincadeira é representada pela presença de balões e pipas. Nesta obra é possível distinguir crianças com diferentes tons de pele, sejam negras, ou brancas.



Figura 1 – Cândido Portinari. “Grupo de Meninas”, 1940, pintura a óleo/tela, 100x80cm. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ. Fonte: <http://aline-artesvisuais.blogspot.com/2008/>

Num estudo acerca da arte brasileira, enfocando a imagem da mulher, Costa (2002) ressalta que a pintura da figura feminina passou por várias tendências estéticas durante o Modernismo. Para a autora, mesmo considerando que Portinari tinha um estilo inconfundível, observou-se que ele mudava sua forma de pintar conforme o tema escolhido.

Segundo a autora, justamente a liberdade estilística era a principal bandeira do Modernismo, repercutindo na flexibilidade da pintura da figura feminina, que se tornava, então, elemento essencial da criação artística, aparecendo em toda a sua diversidade, seja como “lavadeiras, camponesas, bordadeiras, vendedoras de frutas,

prostitutas, dançarinas de cabaré, mulheres em parques e ruas e no interior de residências, elaboram uma crônica visual do Brasil rural, urbano, plural” (COSTA, 2002, p. 130).

Na busca pela articulação entre arte e esportes, trazemos mais um recorte para a nossa leitura, já na Arte Contemporânea, onde lembramos da poética de Hebert Sobral ao utilizar bonequinhos Playmobil em sua obra plástica. O artista constrói cenários inserindo estes bonecos de maneira a compor diferentes temáticas, que são, depois, fotografadas. Sobretudo devido ao uso destes materiais que inicialmente são fabricados como brinquedos infantis, a obra de Sobral se mostra bastante atrativa para os diálogos em contextos do Ensino de Arte para crianças.

Durante o período da pandemia por Covid-19, tivemos a oportunidade de elaborar atividades virtuais com a poética deste artista para o Portal Educacional, que foi colocado no ar pela Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis – SC, como medida de emergência, devido ao isolamento social a que fomos remetidos, afastando do convívio escolar alunos e professores. Nestas atividades virtuais destacamos, aos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, a ênfase dada por Sobral à pele negra de alguns de seus bonequinhos Playmobil.

A leitura da obra de Sobral que fizemos para as crianças versou sobre o intuito do artista em dar visibilidade sobre a história dos negros no Brasil. Explicitamente usando materiais que servem para brincadeira, Sobral nos possibilita a reflexão estética sobre temáticas relativas ao preconceito, à diversidade e à inclusão. A obra que vemos a seguir, dentro da poética do artista, traz as imagens de jogadores do basquete paraolímpico, sendo um deles negro.



Figura 2 – Hebert Sobral. Basquete Paraolímpico, [s.d]. Fotografia, 40x60cm. Fonte: [http://galeriacontempo.com.br/index.php/artistas/heberth-sobral/heberth-sobral-1562?\\_\\_\\_SID=U](http://galeriacontempo.com.br/index.php/artistas/heberth-sobral/heberth-sobral-1562?___SID=U)

Nenhuma das referências artísticas mencionadas até aqui aborda, especificamente, as imagens de mulheres surfistas negras, uma vez que nos foi extremamente difícil encontrá-las no âmbito da História da Arte Brasileira.

### **As mulheres, os esportes, a história e a estética**

Buscando refletir sobre a temática abordada neste artigo dentro de um contexto histórico do local onde se situam as escolas que abrigaram as práticas pedagógicas aqui mencionadas, podemos nos remeter ao livro “Fragmentos para uma história do corpo em Santa Catarina”, onde Beatriz Albino (2012, 24-41) escreve um artigo acerca de sua pesquisa em um jornal publicado entre 1936 e 1941, chamado “Dia e Noite”. Aponta a autora que no suplemento denominado “Página Feminina” podia-se perceber alguns cuidados com o corpo e o ser mulher na capital de Santa Catarina, desde aquela época. Ressalta a pesquisadora que havia uma contradição entre as imagens veiculadas através de fotografias e os conselhos em forma escrita, voltados ao público feminino. Nas imagens apareciam mulheres praticando esportes como o tênis, o beisebol e o golfe ao ar livre, provocando estímulos visuais, que, no entanto, se contrapunham ao conservadorismo presente na forma escrita. Pode-se afirmar que esta contradição mostra o quanto era ambíguo o modo de como exercitar o corpo da mulher, que deveria ser modelado em nome da almejada beleza estética, e que dividia a mulher entre a atuação esportiva ou a placidez de uma plateia bonita.

Na pesquisa de Souza (2003), aqui já mencionada, sobre as mulheres surfistas em Florianópolis, observamos essas transformações históricas dos costumes, constatando também a importância de se considerar o desenvolvimento tecnológico das pranchas no século XX, que ampliou, em muito, esta prática esportiva, diminuindo o peso e o preço das pranchas. O surf profissionalizou-se como esporte no Brasil em 1987, mas apenas para os homens, pois eram poucas as mulheres que surfavam para comporem as “baterias” necessárias para as competições. Foi só em 1998 que foi realizado o primeiro circuito exclusivamente feminino, composto por três etapas, formando o Festival Surf Trip de Surf Feminino.

Em 2002, a catarinense natural da Barra da Lagoa em Florianópolis, a surfista Jaqueline Silva, foi a primeira mulher brasileira a conquistar o título de campeã mundial do circuito profissional, coisa que nenhum homem brasileiro havia conseguido até então (SOUZA, 2003, p. 106).

Na leitura dessa pesquisa antropológica realizada por Souza (2003), constata-se a discriminação das mulheres surfistas não apenas pelo depoimento

delas mencionando que muitas vezes são relegadas ao cantinho das ondas, mas também pelo fato de que as premiações em dinheiro são bem menores do que as premiações que os homens recebem. A pesquisadora menciona que o surf é aprendido não apenas com a prática no mar, mas também com a observação e o consumo de livros, revistas e filmes, que, por sua vez, divulgam a moda surf que patrocina os campeonatos, e, com ela, todo um modo de vida, envolvendo cifras milionárias ao redor do mundo.

### **A atividade criadora e a educação antirracista**

No artigo “Educação estética: contribuições para pensar a formação de professores de Artes”, Silva (2017) resalta a importância do pensamento de Vigotsky e os pressupostos da pedagogia histórico-crítica para se pensar sobre o ensino de Artes. Segundo os estudos da autora, a arte é uma atividade criadora que possibilita contribuições para a infância que nenhuma outra área proporciona de igual forma. O objetivo é que os sujeitos, ao estarem mergulhados na experiência artística da humanidade, possam criar novas imagens e reelaborar, no processo criador, suas experiências sociais. Para Vigotsky, o ponto de partida da arte é a prática social, em que a transformação está sempre implicada, superando o sentimento comum. A relação da arte com o psiquismo humano é que provoca essa transformação.

Para Silva (2017), a formação estética do professor e de seus alunos tem a possibilidade de ser ampliada, promovendo uma formação criadora e humanista. Ainda mencionando o pensamento de Vigotsky, a autora resalta a importância da imaginação como forma de pensamento complexo.

[...] ampliar a percepção das crianças, os seus modos de ver, para que elas possam analisar de diferentes formas o objeto artístico e suas relações sociais, paulatinamente, as auxiliará na construção de um melhor conhecimento sobre a cultura. (SILVA, 2017, p. 92).

Dessa forma, o professor, ao apresentar exemplos práticos e contextualizados, torna-se um importante propositor, também atuando como intelectual e como agente transformador, sendo a atividade criadora tarefa de todos os professores (SILVA, 2017, p. 93).

Em nossa prática pedagógica no Ensino de Artes Visuais, buscamos promover a construção das imagens de mulheres surfistas negras através da elaboração de desenhos (Figuras 3 e 4) que visam estimular uma atividade criadora que se relaciona a uma educação antirracista.



Figura 3: Desenho elaborado por uma aluna do quarto ano, com o tema “mulheres surfistas negras”. EBM Padre João Alfredo Rohr. Fonte: Acervo da autora.



Figura 4: Desenho elaborado por uma aluna do sexto ano, com o mesmo tema. EBM Beatriz de Souza Brito. Fonte: Acervo fotográfico da autora.

Agindo dessa forma, procuramos cumprir com a Matriz Curricular para a Educação das Relações Étnico-Raciais do município de Florianópolis (PMF, 2016) quando diz que a perspectiva que devemos abraçar, no ensino, tem a ver com a “promoção da igualdade e a (re)educação dos modos de convivência, que se

estabelecem no trato da diversidade e no processo de ensinar e aprender” (PMF, 2016, p.29). Apontando para o pensamento de Miguel Arroyo (2011), a matriz afirma que “reconhecer a diversidade dos sujeitos enriquece os conhecimentos”. Mencionando a recomposição das “falas dos sujeitos silenciados, invisibilizados e esquecidos”, a Matriz Curricular para a EREER diz que o currículo só faz sentido “se constituir em lugar permanente de perguntas sobre como os homens se constituíram homens nos seus processos históricos” (PMF, 2016, p. 29).

Nesse sentido, penso que o conteúdo da EREER, permeado de referências e processos artísticos, possibilita ao aluno a reflexão crítica e até mesmo a reelaboração de sua experiência, por meio das atividades criadoras desenvolvidas nas aulas de Artes Visuais, contribuindo para a construção do conhecimento de si e do mundo, estimulando o convívio social em meio ao respeito às diferenças.



Figura 5 – Desenho elaborado por um aluno do quarto ano. EBM Padre João Alfredo Rohr.  
Fonte: Acervo fotográfico da autora.

Quando mencionamos estas diferentes questões históricas sobre a presença das mulheres no mundo do surf atual, aos alunos, em sala de aula, sempre nos remetemos às referências contidas na pesquisa de Souza (2003) acerca do pensamento de Maffesoli (1996) e aos elos estéticos que ele aponta como essenciais nos agrupamentos sociais urbanos na contemporaneidade. Para este filósofo, a emoção estética tem um caráter social, cujo elemento fundamental da vida é o estar-junto, numa estética compartilhada pelo grupo, considerando a vida cotidiana como obra de arte. O ambiente social se liga ao ambiente natural mostrando-se através da maneira de vestir, de se alimentar, daquilo que é considerado como “qualidade de vida”.



Observando as revistas de surf, Souza (2003) concluiu que o lugar das mulheres nas imagens ali estampadas está mais para o enfeite da areia, do que para a ação nas ondas. Num predomínio de imagens de proezas masculinas, ainda assim, algumas mulheres se destacam. A pesquisadora menciona que, apesar de ser uma exceção, na época da pesquisa, depois de olhar muitas revistas, finalmente encontrou a imagem de uma mulher negra, sorrindo e fazendo o “V” da vitória, numa foto num grupo de campeões de surf (SOUZA, 2003, p.139).

Nos tempos atuais, a prática do surf por mulheres tem se difundido cada vez mais, sendo possível a localização de imagens com mulheres negras na prática do esporte ainda que elas se apresentem, em sua grande maioria, como estando em um combate à invisibilidade e à dispersão. Para tanto, a ex-surfista profissional, Érica Prado, criou uma página na internet denominada @surfistasnegras. Em entrevista concedida ao jornalista Fernando Poffo, postada em 01 de agosto de 2019, a surfista afirma que após chegar à elite do surf nacional e mesmo assim não conseguir patrocínio para dar sequência à prática esportiva especializada, ela percebeu um racismo estrutural em nossa sociedade, onde os patrocínios para o circuito do surf eram muito mais difíceis em se tratando de mulheres negras e nordestinas.

Em reportagem postada em 20 de novembro de 2019, quando se comemora no Brasil o Dia da Consciência Negra, a Folha UOL menciona o nome de Érica Prado como estando à frente do movimento “Surfistas Negras”, sendo que em 23 de novembro de 2019, ocorreu no Rio de Janeiro, o “1º. Encontro Nacional de Surfistas Negras e Nordestinas”.

O Portal Geledés, em reportagem postada em 28 de novembro de 2019, afirma que no Brasil, atualmente, existem 219 atletas profissionais na categoria masculino do surf, sendo que na categoria feminino existem apenas 30 surfistas profissionais e, entre estas, apenas 3 se autodeclararam negras.



Figura 6 - Camilly Oliveira. Surfistas negras, 12 abr. 2020 com legenda "Camilly Oliveira é considerada uma das promessas do surf brasileiro". Foto: Kaique Silva. Fonte: [www.facebook.com/surfistasnegras](http://www.facebook.com/surfistasnegras)

Em se tratando das raras imagens artísticas referentes às mulheres negras surfistas que combatem a invisibilidade, destacamos o trabalho do artista Mulambo, nascido em 1995, que se dedica a trabalhar tendo em vista as forças que constroem o existir periférico no Rio de Janeiro. Mulambo, nascido como João da Motta, em seu site oficial afirma ter preferência por utilizar materiais cotidianos como o tijolo, o papelão e fotos de redes sociais.



Figura 7: Mulambo. Érica Prado. Imagem postada em 10 jun. 2020. Fonte: <https://www.facebook.com/surfistasnegras/>



Figura 8: Mulambo. Yana Costa. Imagem postada em 10 de jun. 2020. Fonte: <https://www.facebook.com/surfistasnegras/>

Em nossa prática pedagógica, quando questionamos uma turma de quarto ano da Escola Básica Municipal João Alfredo Rohr, no Córrego Grande, se já tinham visto mulheres negras surfistas, vários responderam prontamente que sim, mencionando, inclusive, a prática por seus parentes afrodescendentes (Figura 9).



Figura 9: Desenho elaborado por uma aluna do quarto ano, representando sua tia Thais, surfando. EBM Padre João Alfredo Rohr. Fonte: Acervo fotográfico da autora.

Parece-nos pertinente refletir aqui sobre o que diz no artigo intitulado “Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística”, onde Marian López Fernández Cao (2008) menciona sua pesquisa em arte/educação a partir da teoria feminista. Falando sobre a história da arte, ela aponta a necessidade de uma revisão

da história procurando perceber, justamente, o modo como se representou a mulher, observando a variação de seu campo simbólico. Para ela é preciso

reconhecer estereótipo, clichês, arquétipos na figuração feminina. Buscar permanências e descontinuidades na representação, mudanças e latências que cheguem até a representação atual – seja artística, publicitária ou dentro dos *mass media* – ou que tenham se modificado. [...] Oferecer às próximas gerações uma história da arte menos individualista, etnocêntrica e androcêntrica, tornando participantes da criação mulheres e homens de variadas procedências. Uma história em processo [...]. (CAO, 2008, p. 71)

Como diz a Matriz Curricular para a Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Básica, a Lei n. 10.639/03 unida com as artes visuais alcança a (re)construção de identidades. Nas leituras de imagens orientadas por nós na educação, procuramos levar em conta estas questões, relativizando até mesmo o conceito de arte, conforme historicamente já fez Duchamp (2013), abrindo-nos a possibilidade de pensar a arte como sendo aquilo que é nomeado por cada um como tal.

Ressaltamos aqui o que fala Da Ros (2006) acerca dos “novos olhares, novas propostas pedagógicas e novos rumos ao ensinar e aprender na contemporaneidade, como pontos que alinhavam o que se tematiza em torno da “sociedade da imagem”. No referido artigo é abordado “o discurso imagético como constituinte do sujeito, compreendendo que este sujeito é simultaneamente produtor de tais discursos” (DA ROS et al., 2006, p. 101).

No mundo do surf, a imagem é muito importante, sendo veiculadas as imagens dos campeões e suas manobras radicais para difusão do esporte e das marcas envolvidas em patrocínios, num mundo estético que se oferece ao olhar. Observando a questão do percurso da imagem no olhar, Pillar diz que

o olhar de cada um está impregnado com experiências anteriores, associações, lembranças, fantasias, interpretações, etc. O que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar e interpretar acerca do visto, o que nos é significativo. Desse modo, podemos lançar diferentes olhares e fazer uma pluralidade de leituras de mundo. (PILLAR, 2003, p. 13).

A imagem das mulheres negras surfistas ganha, assim, significação na educação ao ampliar o repertório imagético dos alunos questionando a homogeneização das diferenças.

### **Considerações Finais**

Assim sendo, ao observar historicamente as práticas esportivas e a construção imagética, estando ciente que diversos discursos de poder estão aí envolvidos, numa articulação entre a Estética e a Política, chama-nos a atenção o que fala Chimanda Ngozi Adiche (2019), no livro “O perigo de uma história única”, a respeito da necessidade de ouvirmos diferentes narrativas sobre aquilo que conhecemos, uma vez que isso amplia a nossa percepção sobre determinado assunto. A autora ressalta a importância dessa diversidade de narrativas, pois a forma como sabemos e criamos a imagem de outras pessoas e de um povo, se dá através das histórias que escutamos e aprendemos. Sendo assim, quanto maior a diversidade de narrativas, maior será a transformação do nosso olhar sobre o mundo e os que nele habitam.

Procuramos promover uma educação antirracista a partir de possibilidades poéticas do olhar sobre o mundo vivido, pensado e imaginado, através da elaboração de atividades criadoras. Tivemos como embasamento teórico a nortear nossas ações pedagógicas, o pensamento de Vigotsky quando enfoca “a imaginação como uma formação especificamente humana, intrinsecamente relacionada à atividade criadora do homem, e fala do trabalho pedagógico orientado para a experiência estética” (VIGOTSKY, 2009, p.07).

Diante das manifestações mundiais ocorridas neste ano de 2020 após o estopim deflagrado pela injusta e cruel morte de um homem negro nos EUA, triste fato que se repete em nosso país num cotidiano de violência e discriminação contra a população negra, penso que, mesmo sendo eu uma professora de Artes Visuais branca, devo agir pedagogicamente nesta articulação entre Estética e Política, concordando com Djamila Ribeiro (2019) que em seu livro “Pequeno Manual Antirracista”, nos chama a atenção para questionarmos a cultura que consumimos, nos estimulando a combater a violência racial, e nos conclamando para que sejamos todos antirracistas.

Tendo em vista este objetivo, o desenvolvimento de desenhos de imagens de mulheres afrodescendentes praticando o surf, nas aulas de Artes Visuais, encontra seu maior sentido ao carregar de positividade as imagens daquelas mulheres que socialmente costumam ser invisibilizadas, possibilitando uma prática pedagógica que procura se distanciar de preconceitos, afirmando que: **Vidas Negras Importam!!!**

## Referências:

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBINO, Beatriz. Os cuidados com o corpo e o ser mulher na capital de Santa Catarina: sobre a "Página Feminina" do Jornal "Dia e Noite" (1936-1941). In: VAZ, Alexandre e BOMBASSARO, Ticiane (orgs). **Fragmentos para uma história da educação do corpo em Santa Catarina**. Florianópolis: DIOESC, 2012, p. 24-41.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BRASIL. **Lei n. 10.639**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília-DF, 10 de março de 2008. Disponível em: [https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/Leis\\_10.639\\_2003\\_\\_inclus%C3%A3o\\_no\\_curr%C3%ADculo\\_oficial\\_da\\_Hist%C3%B3ria\\_e\\_Cultura\\_Afrobrasileira.pdf](https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/Leis_10.639_2003__inclus%C3%A3o_no_curr%C3%ADculo_oficial_da_Hist%C3%B3ria_e_Cultura_Afrobrasileira.pdf). Acesso em: 26 set. 2018.

CAO, Marián López Fernández. Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (Org.). **Interterritorialidade: mídias, contextos e educação**. São Paulo: Editora SENAC/SP; Edições SESC/SP, 2008.

COSTA, Cristina. **A Imagem da Mulher: um estudo da arte brasileira**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2002.

DA ROS, Sílvia Zanatta et al. O ensinar e aprender, a pesquisa e a "sociedade da imagem": apontamentos. In: LENZI, L. et al. (Org.). **Imagem: intervenção e pesquisa**. Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED/UFSC, 2006.

HAMA, Lia. Surf feminino no Brasil: Surfistas lutam contra o preconceito e a falta de apoio. **Revista Trip**. Canal Tpm. São Paulo: Editora Trip, 19 mar. 2015. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/surf-feminino-no-brasil-surfistas-lutam-contra-o-preconceito-e-a-falta-de-apoio>. Acesso em: 26 set. 2018.

LESSA, Fábio de Souza. **Atletas na Grécia Antiga: da competição à excelência**. RJ: MAUAD Editora Ltda, 2017, p. 40-49. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=3SNhDwAAQBAJ&pg=PA18&lpg=PA18&dq=vasos+da+gr%C3%A9cia+antiga+com+cenas+de+esportes&source=bl&ots=ASzfCfxFP1&sig=ACfU3U3PzAZP5crCogBCT9tAc9n1pGwnrw&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKewix4cLeqYDqAhUBGbkGHQVYA78Q6AEwCnoECAoQAQ#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 14 jun. 2020.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MULAMBO. **Site Oficial** do artista plástico Mulambo. Página inicial, c2018. Disponível em: <https://joaodamotta.wixsite.com/mulambo/sobre>. Acesso em 14 jun. 2020.

ORIGEMSURF. Consciência e Presença Negra no Surf. **Folha UOL**. São Paulo: Editora Folha de São Paulo, 2019. Disponível em: <http://origemsurf.folha.uol.com.br/2019/11/20/consciencia-e-presenca-negra-no-surfe/> Acesso em 14 jun. 2020.

PINHEIRO, Amanda. No Brasil apenas 3 surfistas profissionais são negras. Como combater o racismo na elite do esporte? Elas respondem. **Portal Geledés**, 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/no-brasil-apenas-3-surfistas-profissionais-sao-negras-como-combater-o-racismo-na-elite-do-esporte-elas-respondem/>. Acesso em: 14 nov. 2020.

PMF-Secretaria Municipal de Educação. Matriz Curricular para a Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Básica. **Prefeitura Municipal de Florianópolis**. Florianópolis, 2016. Disponível em: [http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/30\\_11\\_2016\\_16.54.20.0658b2ad6df77747ce93a98c47a0b345.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/30_11_2016_16.54.20.0658b2ad6df77747ce93a98c47a0b345.pdf). Acesso em: 26 set. 2018.

POFFO, Fernando. Remando Contra a Corrente. **Revista Trip**, 2019. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/erica-prado-cria-pagina-para-dar-visibilidade-as-surfistas-negras>. Acesso em: 14 jun. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, Editora Schwarcz SA, 2019.

SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da. **Educação Estética**: contribuições para pensar a formação de professores de Artes. *Art Reserch Journal*, v.4, n.21, p.78- 96, Jun./Dez 2017.

SOUZA, Ana Maria Alves de. **“Evoluindo”**: Mulheres Surfistas na Praia Mole e na Barra da Lagoa, 2003. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. Disponível em: [http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/21\\_10\\_2014\\_16.30.55.a1fdb669e779150f2cdb498381cc093b.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/21_10_2014_16.30.55.a1fdb669e779150f2cdb498381cc093b.pdf). Acesso em: 26.set.2018.

\_\_\_\_\_. O surf e os conflitos de grupos identitários em relação à disputa do território marítimo: desavenças entre “locais”, “haolis” e pescadores. In: RIAL, Carmen; GODIO, Matias (Org.). **Pesca e Turismo**: Etnografias da globalização no litoral do Atlântico Sul. Florianópolis: NUPPE/CFH/UFSC, 2006.

TOMKINS, Calvin. **Duchamp**: uma biografia. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

VIGOTSKY, Lev S. **Imaginação e criação na infância** (apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka). SP: Ática, 2009.

### **Ana Maria Alves de Souza**

Formada na Licenciatura em Educação Artística, habilitação em Artes Plásticas (1999, CEART/UDESC), com mestrados em Antropologia Social (2003, UFSC) e também em Literatura (2011, UFSC). É professora efetiva de Artes Visuais da Rede Municipal de Florianópolis nas escolas de ensino fundamental: EBM João Alfredo Rohr (Córrego Grande) e EBM Beatriz de Souza Brito (Pantanal). Contato: [ana.ilinix@gmail.com](mailto:ana.ilinix@gmail.com)